

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Iqhiya: Um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de
Turbantes por mulheres negras.

Conexão: Brasil, África do Sul e Moçambique

Rosyane Maria da Silva
Junho de 2017

Iqhiya: Um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de Turbantes por mulheres negras. Conexão: Brasil, África do Sul e Moçambique¹
Rosyane Maria da Silva²

RESUMO

O artigo pesquisa a relação que mulheres negras brasileiras e africanas estabelecem com o uso de Turbantes (Coroa, *Doek*, *Gélè*, *Headwrap*, *Iqhiya*, *Nemes*, *Ojá*, *Scarfhead*, Torço, *Turban*) em suas vidas nas idades de Cidade do Cabo (África do Sul), Maputo (Moçambique), Franca, Salvador e São Paulo (Brasil). Se propõe a buscar os significados e as simbologias no uso desse tecido, que se transforma em uma indumentária; imponente e diversificada, carregada de histórias, ancestralidades, identidades e culturas. Investiga como o uso do Turbante pode ser uma conexão entre esses países na diáspora, podendo influenciar na autoestima, resistência, pertencimento e empoderamento dessas mulheres. Visa também perceber as diferenças presentes no uso do Turbante e novas formas de usá-lo e significá-lo.

Palavras-chave: Turbante, mulher negra, mulher africana, conexão África - Brasil, ancestralidade, empoderamento, estética, cultura e resistência negra.

ABSTRACT

The article investigates the relationship that Brazilian and African black women establish with the use of Turbans (Coroa, *Doek*, *Gélè*, *Headwrap*, *Iqhiya*, *Nemes*, *Ojá*, *Scarfhead*, Torço, *Turban*) in their lives in the cities of Cape Town (South Africa), Maputo (Mozambique), Franca, Salvador and São Paulo (Brazil). It aims to look for meanings and symbologies in the use of this fabric, which becomes a piece of clothing; it is imposing and diverse, full of stories, ancestry, identities and cultures. It investigates how the use of the Turban can be a connection between these countries in the diaspora, and can influence the self-esteem, resistance, feeling of belonging and empowerment of these women. It also aims to understand the differences in the use of the Turban and new ways of using and signifying it.

Key words: Turban, black woman, African woman, Africa-Brazil connection, ancestry, empowerment, aesthetics, culture and black resistance.

RESUMEN

El artículo investiga la relación que las mujeres negras brasileñas y africanas tienen con el uso de turbantes (Coroa, *Doek*, *Gélè*, *Headwrap*, *Iqhiya*, *Nemes*, *Ojá*, *Scarfhead*, Torço, *Turban*) en sus vidas en las ciudades de Ciudad del Cabo (Sudáfrica), Maputo (Mozambique), Franca, Salvador y Sao Paulo (Brasil). Es la intención de buscar los significados y símbolos en el uso de este tejido, que se convierte en un vestido; imponente y diversas historias cargado, ancestralities, identidades y culturas. Investiga cómo el uso del turbante puede ser una conexión entre estos países en la diáspora pueden influir en la autoestima, la fuerza, la pertenencia y la potenciación de estas mujeres. También tiene como objetivo comprender las diferencias presentes en el uso del turbante y nuevas formas de usarlo y en serio.

Palabras clave: turbante negro, mujer, mujer africana, África conexión - Brasil, ascendencia, potenciación, estética, cultura y resistencia negro.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira

² Graduada em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade de Franca (UNIFRAN) em 2009.

Agradecimentos

Laroyê,

Agradeço aos Orixás, aos meus Ancestrais que me protegem, me guiam e abrem meus caminhos.

Ao papai Reinaldo, mamãe Rosângela, irmãos Reinaldo Jr. e Ravid, as Cunhadas Glaicyane e Tuanny. À Grande família, por me ensinarem a Negritude.

Ao parceiro de vida João Paulo e à “primã” Ellen, pelas horas não dormidas, pela dedicação, companheirismo e amor.

Agradeço as apoiadoras/es do #mariavaiprAfrica, que me permitiram voar para iniciar o resgate de minha ancestralidade Africana.

Às entrevistadas, as “Sisis” e “Brodas” que me apoiaram do outro lado do Atlântico.

À equipe CELACC e Prof. Dr. Orientador Dennis de Oliveira.

Aos amigos Celaquianos pela parceria e sorrisos.

Às mulheres negras que me inspiram diariamente, por terem escolhido resistir, viver e lutar por uma árdua equiparação.

Ndingabhabha! Eu posso voar!

... porque uma sobe e puxa a outra.

Ubuntu, Axé!!!

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre qualquer das esferas que povoam a existência da população negra perpassam, invariavelmente, pela localização dos corpos negros, em suas mais diversas possibilidades, num fluxo contínuo que, automaticamente, aciona a memória daqueles que, negros, antes de nós vieram, e, negros, continuarão para além de nós. Em outras palavras, não é possível falar sobre qualquer aspecto da história e da existência da população negra em suas várias facetas sem lembrar que a população negra que hoje caminha sobre a Terra carrega, ainda, um fardo histórico que reverbera sobre o seu passado, o seu presente e o seu futuro e demarca os seus lugares e a sua possibilidade de ser e estar no mundo. Não é possível localizar qualquer aspecto da condição negra atual sem, antes, lembrar que qualquer escrito sobre o negro faz com que todos que antes de nós vieram estejam sempre PRESENTES³ no recontar de mais um trecho de nossa história.

Segundo o censo do IBGE de 2010, o Brasil é o país com a maior população negra fora do continente Africano. Este processo se deu pela escravização de negras e negros oriundos de países Africanos⁴, a partir do século XVI até o século XIX. Estima-se que três milhões de africanos de diferentes países e etnias tenham vindo para o Brasil depois de serem escravizados, sequestrados, separados de suas famílias e suas raízes, devendo enfrentar, assim, um processo de apagamento, de colonização da mente e de suas histórias.

³ Nossos corpos, NEGRAS importam!
 Nossas vidas, NEGRAS importam!
 Nossas heranças, NEGRAS importam!!
 Luana: presente!
 Cláudia: presente!
 Maria Gustavo e Maria Maura: presente!
 Luiza Mahin: presente!
 Dandara: presente!
 Lélia Gonzales: presente!
 #libertemRafaelBraga
 Nossas NEGRAS, vidas IMPORTAM
 Nossas antepassadas nos guiam (Rosyane Silwa)

⁴ Bantus: Os Bantus trazidos para o Brasil vieram das regiões que atualmente são os países: Angola, República do Congo, República Democrática do Congo, Moçambique e, em menor escala, Tanzânia. Constituíram a maior parte dos escravos levados para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e para a zona da mata no Nordeste. Oeste-africanos: Os oeste-africanos eram das regiões que atualmente são os países de Costa do Marfim, Benim, Togo, Gana e Nigéria. A região do golfo de Benim foi um dos principais pontos de embarque de escravos, tanto que era conhecida como Costa dos Escravos. Os oeste-africanos constituíram a maior parte dos escravos levados para a Bahia. Pertenciam a diversos grupos étnicos que o tráfico negreiro dividia. Disponível em: <http://afrosaopaulofhny.blogspot.com.br/2010/02/origem-etnica-dos-africanos-que-vieram.html>. Acesso em: 15 de fev. 2017.

A campanha abolicionista, em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação. (MARANGONI, 2011, p.1).

Apesar da abolição da escravatura no Brasil, no dia de 13 de maio de 1888, a liberdade para os negros configurou-se efetivamente como uma ilusão, pois à população negra continuaram a ser negados direitos fundamentais que lhes garantiriam um lugar na estrutura social. Sem perspectivas, dinheiro ou condições básicas de saúde e educação, esta população se constituiu guerreiramente em favelas, periferias e comunidades. Vítimas da discriminação racial, do estado de anomia e da “desorganização familiar” – um estado de pauperização, que obrigava o trabalho precoce, e a herança cultural negativa, que impedia ou dificultava a percepção da importância da educação pelos grupos racializados (PINTO, 1987) – a população negra resistiu aos projetos de dizimação e apagamento do Estado. Em 2014, mais da metade da população declarava-se preta ou parda, somando expressivos 53,6% da população brasileira (IBGE, 2016).

Para além da articulação de mecanismos que garantiriam a exclusão econômica e social do negro brasileiro, é preciso entender que o processo de embranquecimento⁵ brasileiro e o mito da democracia racial⁶ garantiram uma sociedade baseada no racismo estrutural⁷. Dessa forma, naturalizou-se no seio da sociedade brasileira um lugar marginal à população negra, o que possibilita compreender, entre outros, o porquê de homens e mulheres não se identificarem enquanto afro-brasileiros.

Embora sofridos, discriminados e segregados, o povo negro não silenciou; fortaleceu suas estruturas e vem conquistando cada vez mais espaços antes ocupados somente pela população branca. Um desses lugares é o espaço acadêmico, conquistado através de

⁵ A defesa do branqueamento, ou do “embranquecimento”, tinha como ponto de partida o fato de que, dada a realidade do processo de miscigenação na história brasileira, os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada nova prole gerada. Publicado por: Cláudio Fernandes em História do Brasil Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/tese-branqueamento.htm>>. Acesso em 10 de mar. 2017.

⁶ Como explica Luana Diana dos Santos “O mito da democracia racial, ideologia forjada nos anos 30 do século passado, incutiu no imaginário popular a ideia de que a miscigenação é fruto da convivência harmoniosa existente entre indígenas, brancos e negros, conforme defendido por Gilberto Freyre na obra “Casa Grande e Senzala” (2004)”. Disponível em: <<http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-4/artigos/artigo-10-luana-santos.pdf>>. Acesso em 10 de mar. 2017.

⁷ Segundo Juan Luis Berterretche, para Desacato.info, “A sociedade branca do país, em especial suas classes meia e alta, em todos os níveis, usufruíram os benefícios do racismo institucional e os serviços pessoais prestados por uma população descendente de escravos que até o presente nunca alcançou o benefício pleno de direitos e liberdades outorgados na constituição, sob a ideologia da “democracia racial” que primou durante todo o século XX e que recém no século XXI começa a se questionar com profundidade.”. Disponível em: <<http://desacato.info/onu-racismo-no-brasil-e-estrutural-e-institucional/>>. Acesso em 12 de mar. 2017.

iniciativas diretas dos movimentos sociais como o Movimento Negro, por meio de ações afirmativas e com representatividade da população negra. Entre os pontos importantes pautados nessas reivindicações do Movimento Negro estão a auto valorização, a estética, a cultura e o empoderamento da mulher negra, aspectos centrais na articulação de uma nova imagética para a população negra, especialmente para o reconhecimento da mulher negra nos espaços estruturalmente racistas. Como pontua Munanga:

Continuando a ser recusado socialmente, o negro intelectual descobre que uma possível solução a essa situação residiria na retomada de si, na negação do embranquecimento, na aceitação de sua herança sócio cultural que, de antemão, deixaria de ser considerada inferior. A esse retorno chamamos negritude. (MUNANGA, 1988, p. 5)

Com base nessa definição de negritude do antropólogo Munanga, podemos compreender as conexões criadas entre negras e negros de todo o mundo pós-colonial. Observamos que nessa fase do reconhecimento da negritude, entender a sociedade caracteriza entender as necessidades da população negra. Um olhar mais profundo para este grupo revela, dentro de um recorte de gênero da população negra escravizada, que as mulheres foram transformadas em objetos de servidão, exploração e abusos. Essas mulheres, pilares da humanidade, se recriaram, construindo artimanhas, estratégias e defesas, afrontando e resistindo a um sistema racista e machista cuidadosamente engendrado e posto em prática desde a colonização. Esse movimento de resistência, organizado por mulheres negras e homens negros, vem fazendo com que a comunidade negra se empodere e seja reconhecida com a garantia e manutenção de direitos básicos e equiparação social. Sejam otimistas ao sinalizar que as transformações têm sido lentas e tortuosas, mas vêm acontecendo com uma importante e fundamental participação das mulheres negras.

Segundo Munanga (1988, p. 33) “Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano *normal*”. A ressignificação dessa identidade é basilar na (re)construção de um *ethos* ancestral, que tira a população negra da “zona de não-ser” (FANON, 2008) a que foi relegada dentro do projeto colonial.

Em sintonia com a negritude, estão identidades, para as quais usamos a unidade como pressuposto de identificação coletiva em grupos, equipes e comunidades. A reflexão parte para o campo do imaginário coletivo, estruturado socialmente em símbolos e simbologias

com códigos pré-determinados de valores e cabe pensar em expressões que figurem como centrais na articulação de uma identidade negra. Segundo Stuart Hall:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, p.10.)

Ao analisar a sociedade, nesse caso, o recorte recai sobre as mulheres negras africanas e afro-brasileiras como figuras-mestra nessa construção. Entendemos que a identidade se constitui a partir de um todo, da formação social e coletiva, nos possibilitando o pertencimento e a inclusão social. No entanto, ainda que a identificação social ocorra no coletivo, a mulher negra carregue em si identidades variadas, embora seja lida com comportamentos característicos pré-estabelecido socialmente. É dentro deste cenário que a reflexão aqui apresentada questiona como as mulheres negras se identificam a partir da estética padrão branca e eurocêntrica, considerando que atualmente existe um resgate de elementos que remetem à ancestralidade, à origem afrodescendente. Essas mulheres diaspóricas têm se empoderado, construindo suas estéticas, identidades e ressignificado o uso do Turbante como um ato de manifestação política, resistência e cultura.

A definição de empoderamento que norteia a pesquisa é dada pela professora Ivanilde Mattos que explica que:

O conceito empoderamento torna-se o fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo. Empoderar nesse contexto é usar das ferramentas da tecnologia da informação nesse caso as redes sociais e fazer com que não só as mulheres negras mas outros atores sociais ampliem recursos e condições que lhes permitam ter voz, e maiores oportunidades de trocas entre os pares, alavancar novas capacidades de ação e decisão especialmente nos problemas que mais afetam suas vidas, em diversas situações seja na escola, no trabalho, nas instituições e repartições públicas bem como nos espaços de sociabilidades. (MATTOS, p.49)

Atualmente no cenário brasileiro, as mulheres vêm encabeçando espaços de luta e empoderamento, visando ocupar lugares antes majoritariamente brancos e também questionando a apropriação cultural⁸. Nesses espaços, o uso de Turbantes por mulheres negras

⁸ Apropriação cultural é “a adoção indevida de elementos específicos de um determinada cultura por membros pertencentes a outra”. “A expropriação tem consequências. A nossa luta política é sistematicamente minada por poderes midiáticos. Não é mimimi, não é vitimismo. Não é não. É um esforço hercúleo para reconstruir um pertencimento, uma identidade cultural neste Brasil podendo trazer a nossa ancestralidade africana como um bem, como algo positivo. É uma luta nesse sentido”, conforme afirma Maria de Lourdes Teodoro. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/dialogo-brasil-debate-apropriacao-cultural/#gs.ZE0EPd8>>. Acesso em 30 de abr. 2017.

vem como afronta, reconhecimento, estética de resistência e afirmação cultural. Uma luta construída por essas mulheres durante anos, mulheres que hoje são reconhecidas, criam representatividade e quebram estereótipos e padrões impostos por uma sociedade racista.

Com a ascensão e empoderamento da mulher negra, o rompimento do padrão eurocêntrico surge como uma grande necessidade. Diante disso, o resgate da cultura negra vem impresso na aceitação dos crespos, dos cabelos naturais, do uso de *dreads* e do Turbante e no famoso *Black Power*. O cabelo *Black Power* – que ganhou força com o movimento *Black Panthers*, movimento Negro afro-estadunidense de luta por direitos civis e vida da população negra nos anos 70 – é considerado símbolo de resistência negra e vem sendo resgatado e adotado pelas novas militâncias. Segundo Mello, quando a mulher negra assume seu cabelo natural, seus *dreads* ou tranças, aceita seus traços, curvas, costumes e resgata elementos da cultura e identidade negra, reinterpretando a ótica dos seus traços fenotípicos é um sinal de resistência:

No meu caso, estou resistindo a um movimento que pede a todo momento que eu alise meu cabelo e 'embranqueça'. Quando uma pessoa branca usa esses símbolos, ela não vai representar resistência ou ser excluída de nenhum espaço. (MELLO apud OLIVEIRA, 2017)

Diante desse afrontamento estético, surge a necessidade de entender quais são as motivações ancestrais que permeiam essas movimentações. É importante perceber que o uso dessas técnicas vai para além da estética, pois envolve resistência física e psicológica, ao passo que também denuncia a opressão e o genocídio da população negra. Entendemos que o uso de símbolos culturais seja de suma importância para o tornar-se negro e para o reconhecimento da negritude e para buscar o resgate cultural da ancestralidade, independente dos seus tons de pele negra.

Com isto em mente, usaremos o Turbante como objeto de pesquisa e de ligação das ancestralidades africanas para as mulheres negras brasileiras. Neste artigo, além da palavra Turbante, termos sinônimos serão apresentados no decorrer do trabalho; todos com a letra inicial maiúscula, como nome próprio, pois entendemos a importância e potência do Turbante e respeitamos a sua história.

Ele é uma indumentária herdada culturalmente, muito usada nas religiões de matrizes africanas como proteção do *Ori* (cabeça em *Yoruba*), representando hierarquias nesses sistemas religiosos. O Turbante tem percorrido gerações, se resignificado e sobrevivido à apropriação cultural. A pesquisadora Suzane Jardim explica o que é essa forma de

apropriação:

O fenômeno acontece quando um estrato social historicamente dominante marginaliza uma etnia, religião ou cultura, tornando seus símbolos e práticas abomináveis aos olhos da sociedade. Com isso, o grupo marginalizado abandona tais práticas, como uma forma de se adequar, na tentativa de sofrer menos preconceito. Com esse processo concluído, o mesmo grupo responsável pela marginalização passa, então, a ressignificar essas práticas e símbolos antes condenados, tentando torná-los atrativos para a maioria da população e visando o lucro. (...) Nesse processo, toda a essência simbólica dos elementos é perdida. Eles passam a ser apenas objetos de desejo, cada vez mais caros e inacessíveis para os que foram primeiramente hostilizados. (JARDIM apud OLIVEIRA, 2017)

Com o processo de escravização, colonização e racismo, a influência da cultura negra no Brasil é apropriada indevidamente nas áreas da cultura, nas artes, na música, na gastronomia e em vários outros segmentos. Dentre os símbolos que vêm sendo apropriados, o Turbante, tem sido usado, por exemplo, pela branquitude⁹ como acessório puramente estético, sem nenhum valor cultural, descaracterizando e desrespeitando sua história. No Brasil, o Turbante vem sendo marginalizado e ligado diretamente às mulheres escravizadas, negras de ganho e às religiões de matrizes africanas. Hoje ele relembra essas histórias e simboliza luta, resistência e alimenta o empoderamento da mulher negra e é por seu valor simbólico e sua significação histórica e papel no fortalecimento da identidade negra que o Turbante ocupa espaço central nas discussões deste trabalho.

Para investigar mais dessa indumentária, que é o ponto de conexão entre Brasil, África do Sul e Moçambique, foram seguidos metodologia, procedimentos e estratégias metodológicas que garantiram a coleta de dados materiais, como entrevistas, vídeos e fotografias, e imateriais, experiências e vivências. Para a coleta dos dados que comporiam a base da discussão comparativa que orienta este trabalho, foi necessária a organização de uma viagem ao continente africano.

A pesquisa em solo africano durou dois meses e para ser viabilizada financeiramente também contou com um *crowdfunding* (financiamento coletivo), que mobilizou várias apoiadoras e apoiadores através o projeto #mariavaiprÁfrica, criado com a intenção de financiar a viagem inicialmente para a África do Sul, mas foi possível viajar também para Moçambique, e investimentos pessoais da pesquisadora. O que foi arrecadado no

⁹ A palavra “branquitude”, que a pesquisadora Lia Vainer Schucman, utiliza criticamente em seu livro **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**, não está dicionarizada. É um neologismo empregado em contraposição a negritude. Já o conceito de branquitude, sem ser identificado por esse nome, começou a ser construído durante a expansão colonial europeia, a partir dos séculos XVI e XVII, mas principalmente no século XIX, para justificar ideologicamente a dominação, pelos europeus, das populações ancestrais da América, da África, da Ásia e da Oceania. Nesse processo, a identidade “branca”, definida pela cor da pele e outros traços fenotípicos, foi estabelecida como norma e padrão humano, sendo os outros grupos apresentados como marginais, desviantes ou inferiores.

crowdfunding não financiou o valor total da viagem, mas com muitos esforços a viagem aconteceu. Consideramos parte essencial do projeto a coletividade, parceria e disponibilidade desses apoiadores. Além do auxílio financeiro, essas pessoas se dedicaram pessoalmente, compartilharam em suas redes o propósito da viagem e divulgaram o projeto de inúmeras maneiras. Mais do que uma pesquisa sobre os símbolos e simbologias do uso do Turbante por mulheres negras, a viagem foi uma tentativa de descobrir a origem dos nossos antepassados africanos. É de direito e se torna necessário conhecer nossa família de origem, o lugar de onde fomos sequestradas e obrigadas a deixar nossas memórias, parentes e história, perdas ocorridas pelo desejo de poder e dominação enveredada pelo projeto colonial. O projeto #mariavaiprÁfrica é fruto de um levante contemporâneo, que nos possibilitou estar imersas e imersos na pesquisa e em conexão com o continente africano e vivenciar cultura e estéticas africanas.

Quando falamos em estéticas africanas, podemos deslocar o olhar eurocêntrico, pois a mesma vai além dos padrões sociais. A estética para o povo africano é integrada aos hábitos sociais e culturais e ultrapassa a simples questão da imagem construída no imaginário popular. Esta simbologia estética alimenta uma construção social e é transmitida através da diversidade cultural de um povo, como explica o antropólogo Lody (2004):

A unidade do imaginário africano se materializa nas manifestações estéticas integradas à vida e à sociedade. Está justamente nessa compreensão de arte o significado de cada penteado africano, fazendo do que é belo um lugar de profundo significado para a ordem, a religião, as organizações sociais e políticas. Para os africanos e afrodescendentes, as artes do corpo são processos que constroem o amplo e diverso campo da arte, que também é a do uso, da transformação e da experiência cotidiana (LODY, 2004, p. 75).

É sobre essa retomada estética cultural que desenvolvemos a pesquisa sobre o Turbante, a Coroa das mulheres negras.

2. TURBANTE, COROA, *DOEK*, *GÉLÈ*, *HEAD CLOTH*, *HEADTIE*, *HEADWRAP*, *IQHIYA*, *NEMES*, *OJÁ*, PANO DE CABEÇA, *SCARFHEAD*, TORÇO, *TURBAN*.

Uma breve história sobre Turbantes.

A história da origem do Turbante, ainda não tem um período datado ou lugar definido, por isso, abordaremos algumas hipóteses sobre sua possível origem. Ao longo da pesquisa, constatamos que a teoria mais provável nos leva a acreditar que uma das primeiras amarrações usadas na cabeça foi o *Nemes*, em *Kemet* ou *Khemet*, o Antigo Egito:

Além das coroas, um adorno de cabeça que cai em duas tiras sobre os ombros e tem a parte pendente sobre a nuca amarrada em trança, denominado *nemes*, também se tornou bastante conhecido, sobretudo porque é usado pela esfinge de Gizé e, ainda, porque aparece na famosa máscara de Tutankhamon... Tratava-se de um elemento fundamental da veste faraônica, tendo entrado em voga a partir da III dinastia (c. 2649 a 2575 a.C.). Sua representação mais antiga está na cabeça da estátua do faraó Djoser (c. 2630 a 2611 a.C.) sentado, encontrada no complexo da Pirâmide de Degraus. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/faraveste.htm>>. Acesso em 12 de mar. 2017.

O *Nemes* provavelmente era feito com o tecido de linho, usado nas vestimentas da época, segundo o blog História e Moda:

O fio de linho, cultivado nas margens do Nilo, costuma ser empregado para a fabricação de vestimentas em geral, além de peças de cama e bandagens de múmia. Isso acontecia porque o linho era um dos principais produtos agrícolas do país. Da região do Delta vinham as melhores espécies da planta. Disponível em: <<http://histemoda.blogspot.com.br/2009/07/antigo-egito.html>>. Acesso em 12 de mar. 2017.

Observamos que a amarração feita no *Nemes* é simples, é acoplada à cabeça, fixada na parte de trás e pode ser presa a uma longa trança. Ele tem estampa de listras azuis e douradas, possivelmente de ouro. Em alguns textos, o *Nemes* foi chamado de *Head Cloth* (Pano de Cabeça, em inglês) como define o site *Crowns of Egypt*:

O *Nemes* era o pano de cabeça listrado usado pelos faraós que estava amarrado na parte de trás da cabeça com lappets que caiu para ambos os lados do rosto. Um lappet é uma aba ou uma dobra decorativa em um headdress ou um vestuário cerimonial. Disponível em: <<http://www.landofpyramids.org/crown-of-egypt.htm>>. Acesso em 16 de fev. 2017.

O *Nemes* consegue nos remeter a antigas culturas e tradições no continente africano, precisamente no Antigo Egito, nos conduzindo a entender melhor a origem do Turbante. O Turbante foi influenciado por diferentes culturas e pelo longo tempo de transformações

sociais, se resignificando e mantendo características influenciadas pelo *Khemet*. Notamos que o uso hierárquico dos *Nemes* por Faraós influenciou também seu uso na organização hierárquica das religiões de matriz africana, como o Candomblé, comprovando a importância de proteger o *Ori* e mostrar a autoridade, liderança e respeito do seu povo.



Foto 1: Nemes. Reprodução da Internet



Foto 2: Nemes. Reprodução da Internet.

Na pesquisa, encontramos outras fontes teóricas sobre a origem do Turbante. Segundo o site *Kaur's Thoughts*¹⁰ “Os primeiros persas usavam um casquete cônico cercado por bandas de pano, que os historiadores sugeriram ter se desenvolvido para se tornar o Turbante moderno. A palavra Turbante vem do persa دلبنت *dulband*, em turco *tülbent*”.

Iqhiya foi o nome escolhido para intitular este artigo e tem a intenção de manter a conexão cultural e afetiva estabelecida durante a viagem pela África do Sul e Moçambique. Esta palavra compõem o vocabulário da língua *Xhosa*, falada pelos povos *inXhosa*. *Xhosa* é uma das 11 línguas oficiais faladas na África do Sul. Joseph Munsaka, guia turístico da tribo Tonga (Zimbabwe) que vive em Cape Town, nos explica o sentido de *Iqhiya* para a cultura africana:

Iqhiya simboliza a feminilidade em mulheres em torno de África. É uma prática de orgulho, uma herança do orgulho do povo Africano que nunca cessará. *Xhosas* do Cabo Oriental bordam nele; os *Zulus* Do Zululand estão “pirando” nele; mais acima, os *Tongas* ao longo do grande rio de Zambezi, são orgulhosos de *Iqhiya*; e os *Vendas* em Limpopo não ficarão sem ele. *Iqhiya* é uma cultura africana, nossa cultura. (Depoimento transcrito, fevereiro de 2017. África do Sul)

¹⁰ O texto completo está disponível em: <

<https://kaurthoughts.wordpress.com/2012/08/31/part-2-across-the-globe-the-secular-turban/>>. Acesso em 17 de fev. 2017.

A palavra *Headwrap* em inglês foi diversas vezes encontrada durante as pesquisas pela internet, se referindo ao uso do Turbante afro-americano e é adotado em alguns textos de Turbantistas brasileiras. A palavra *Doek* em *Afrikaans*¹¹ significa tecido, e pode se referir ao tipo estampado do tecido africano de que é feito o Turbante. *Turban* e *Scarthead* foram utilizados como tradução da palavra Turbante para o inglês.

Head cloth foi encontrado em textos que contextualizam a história sobre os *Nemes*. *Gélè* é uma palavra *Yorubá*¹², usada para definir um modelo de Turbante utilizado por mulheres Nigerianas, ele tem uma amarração diferenciada das outras, feito com várias voltas simétricas com volume, que também é conhecido como *Headtie*. O Torço e Pano de Cabeça são nomes que as mulheres negras mais antigas se referiram ao atual Turbante. *Gélè*, Ojá, Torço e Pano de Cabeça também foram nomes utilizados por essas mulheres para se referirem ao Turbante em algumas religiões de matrizes africanas. Coroa é uma das formas atuais usadas por mulheres negras, simbolizando o poder, autoestima e a altivez ao usar o Turbante.

Na Índia, Paquistão, Afeganistão, Bangladesh, Sul da Ásia, Oriente Médio, Norte e Leste da África o uso do Turbante é muito comum e antigo. Nesses lugares os homens o usam com maior frequência, muitas vezes em referência às suas religiões. Segundo o antropólogo Raul Lody, o Turbante também mostra a influência dos povos muçulmanos, pois “A associação entre o Turbante e o islã não é simplória. Na concepção muçulmana, o Turbante opõe-se a tudo que é profano, ele protege o pensamento sempre propenso à dispersão, ao esquecimento” (2004 p.84), conclui o antropólogo. Na época da escravização uma parcela de negros muçulmanos vieram para o Brasil, os Malês, responsáveis por uma das maiores

¹¹ O afrikaans é uma língua germânica ocidental da Baixa Francônia descendente do holandês e falada principalmente na África do Sul e na Namíbia. Mantém algumas características do holandês do século XVIII, juntamente com o vocabulário de várias línguas bantu e khoisan e também do português e malaio. Em 1925 o afrikaans foi reconhecido pelo governo como uma língua real, em vez de uma versão de gíria do holandês. Afrikaans mudou pouco desde então. Na época do Apartheid na África do Sul, o afrikaans era ensinado apenas nas escolas brancas, para distanciar a convivência com a população negra.

¹² “A maioria dos iorubás falam a língua iorubá (iorubá: *èdè Yorùbá* ou *èdè*). Vivem em grande parte no sudoeste da Nigéria; também há comunidades de iorubás significativas no Benin, Togo, Serra Leoa, Cuba, República Dominicana e Brasil. Historicamente, habitavam o reino de Ketu (atual Benin), na África Ocidental. Durante o século XVIII e até 1815, foram escravizados e trazidos em massa para o Brasil durante o chamado “Ciclo da Costa da Mina”, ou “Ciclo de Benin e Daomé”. A língua iorubá ainda é preservada nos rituais religiosos de matrizes africanas.” Disponível em: <http://www.laifi.com/laifi.php?id_laifi=7794&idC=89957#>. Acesso em 17 de fev. 2017.

revoltas de escravizados em Salvador (BA), a Revolta dos Malês¹³. Entre outras, podemos utilizar essa referência para pensar uma das trajetórias do uso do Turbante no Brasil. Nesse período, os homens já não utilizavam mais os Turbantes, ficando estes exclusivos para as mulheres.

Existem Turbantes que medem até 45 metros, esses maiores são comumente usados pelos sikhs¹⁴.

Atualmente, encontramos o Murban, “Da mistura entre "Man + Turban surgiu a tendência Murban, em tradução livre: Turbante Masculino”, define o site o Último Black Power. Esse termo tem sido utilizado recentemente e a peça pode ter uma amarração simples sem muitos detalhes. Entendemos que o Murban, foi uma versão do Turbante direcionado à moda masculina, vindo como tendência estética para recriar a forma de uso pelo homem. Não tem simbologia religiosa e não reflete sobre a origem dos Turbantes, ou seja, ele foi absorvido pela indústria da moda, representando, em outras palavras, a apropriação cultural.

É importante pontuar que o uso do Turbante se estende às crianças, homens e mulheres, independente da identidade de gênero, pois é imprescindível reafirmar o símbolo que o Turbante representa: autoafirmação, empoderamento negro, resistência ao sistema racista e segregacionista, conexão ancestral e fortalecimento da Negritude.

¹³ Uma explosão pela liberdade e contra a intolerância. A Revolta foi planejada por um grupo de africanos muçulmanos, negros de origem haussa e nagô, chamados de malês, devido ao fato de que, em ioruba, muçulmano é imale. Formado, dentre outros, por Ahuma, Pacífico Licutan, Luiza Mahin, Aprício, Pai Inácio, Luís Sandim, Manuel Calafate, Elesbão do Carmo, Nicoti e Dissalu. A data escolhida, o amanhecer de 25 de janeiro, coincidia com um dia importante do ponto de vista religioso: o fim do mês sagrado muçulmano, o Ramadã, e dos tradicionais festejos religiosos dedicados a Nossa Senhora da Guia, que manteriam ocupados os católicos. O objetivo da conspiração era libertar seus companheiros islâmicos e negros em geral e matar brancos e mulatos considerados traidores. Uma meta que traduzia a complexa combinação entre escravidão negra e perseguição religiosa, imposta pelos colonizadores católicos. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/os-170-anos-da-revolta-dos-males/>>. Acesso em 17 de fev. 2017.

¹⁴ A palavra Sikhismo deriva do termo em sânscrito "sisya", que significa discípulo. O Sikhismo é uma religião fundada por Baba Nanak, que tinha por objetivo criar uma religião que fosse a fusão entre o islamismo e o hinduísmo. O livro sagrado dos seguidores do Sikhismo, chamados sikhs, é o Adi Granth.

Foto 3: Sikhs¹⁵Foto 4: Homem com o Murban¹⁶Foto 5: criança de turbante¹⁷

¹⁵ Disponível em: <<https://www.dreamstime.com/royalty-free-stock-photography-sikh-warrior-image20833237>>. Acesso em 17 de fev. 2017.

¹⁶ Imagem original disponível em: <http://zirconiums1.rssing.com/channel-1947504/all_p1.html?q=turbante&site=rssing.com>. Acesso em 17 de fev. 2017.

¹⁷ Disponível em: <https://www.bellanaija.com/wp-content/uploads/2016/07/Adorable_aso-ebi-asoebi-asoebibella.jpg>. Acesso em 17 de fev. 2017.



Foto 6: criança de turbante¹⁸

Por definição, o Turbante constitui-se em um pedaço de tecido, com acabamentos ou não e em vários formatos: quadrados, retangulares, triangulares, em tiras ou faixas largas e estreitas, em sua grande maioria simétricos. Um tamanho comumente usado e vendido em sites especializados é de 1,50m x 0,40cm, que possibilita realizar diferentes amarrações (ato de fazer o Turbante, forma de prendê-lo e modelá-lo à cabeça).

Os tecidos podem ser dos mais variados e das mais diversas cores. A espessura e tipo de tecido dependem do gosto pessoal, do tecido disponível ou do que ele simboliza em alguns locais; alguns grupos usam a mesma estampa e cores para se reconhecerem, por exemplo. Se necessário, pode-se usar o apoio de um alfinete de segurança para deixá-lo melhor preso e firme na cabeça. Também é possível colocar enchimentos em seu interior para dar volume ao Turbante, podendo-se, inclusive, usar mais de um tecido na mesma amarração. Vejamos um tutorial de amarração de Turbantes disponibilizado pelo *turbante-se*, site especializado em Turbantes de fácil acesso pela internet. Na amarração foi usado o tecido em formato de tira ou faixa larga, escolhendo tampar todo o cabelo:

¹⁸ Disponível em: <<https://9gag.com/gag/aPGQwyB/cutest-little-girl-in-african-dress>>. Acesso em 17 de fev. 2017.



Foto 7: *turbante.se*. Tutorial de turbante¹⁹

As amarrações podem levar de 10 segundos a 1 hora, dependendo de sua complexidade, altura e tecidos utilizados. Podemos conhecer duas amarrações, uma com o tecido e formato triangular, a outra com faixa deixando os cabelos naturais a mostra, tutorial também produzido pelo site *turbante.se*:

¹⁹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/turbante.se/photos/a.424839510978833.1073741825.424836067645844/617754071687375/?type=3&theater>>. Acesso em 17 de fev. 2017.



Foto 8: *turbante.se*. Tutorial de turbante²⁰.



Foto 9: Tutorial de turbante²¹

O *Headwrap* pode variar entre dos mais simples modelos, aos mais firmes, volumosos

²⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/turbante.se/photos/a.465660030230114.1073741831.424836067645844/662345430561572/?type=3&theater>>. Acesso em 17 de fev. 2017.

²¹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/turbante.se/photos/a.465660030230114.1073741831.424836067645844/694176810711767/?type=3&theater>>. Acesso em 17 de fev. 2017.

e personalizados. Cada amarração tem um formato diferente, no qual o tecido é enrolado à cabeça e moldado conforme o significado que a pessoa deseja atribuir. Ele pode cobrir toda a cabeça ou deixar partes do cabelo à mostra, escolha que dependerá da ocasião, inspiração ou o motivo de seu uso. Dentro das religiões, por exemplo, a cabeça é toda coberta. O Turbante tem várias representações e pode significar hierarquia, religião, etnia e poder. Nenhum modelo fica igual ao outro, mesmo sendo feito pela mesma pessoa, nas fotografias abaixo podemos visualizar suas diversidades:



Foto 10: Turbante usado na noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil, fundado em 1974, com o objetivo “preservar, valorizar e expandir a cultura afro brasileira). Foto: Reprodução/Mateus Pereira GOVBA²²



Foto 11: Mulher negra Africana trabalhando em confecção. Foto: Rosyane Silwa Khayelitsha, Cape Town África do Sul 2017.

²² Disponível em:

<<http://www.portalafricas.com.br/v1/ile-aiye-faz-homenagem-para-arte-do-reconcavo-ao-escolher-musa-do-carnaval/>>. Acesso em 17 de fev. 2017.



Foto 12: Nzualo Na'Khumalo, Kaya Foto: Celso Zaquau. Moçambique, 2017

Segundo a artista plástica Surama Caggiano, no Candomblé “quando o Torço tem apenas uma volta e duas pontas, a filha de Santo já passou pela primeira obrigação, ou seja, ela já tem mais de um ano de iniciada em sua Casa de Candomblé”. Cada integrante usa o Turbante de acordo com seu tempo de feitura e função, mas “ninguém pode usar o torço maior que a Ialorixá²³ da casa” explica Surama.

Em alguns lugares do continente Africano o uso do Turbante exerce funções como proteger do sol, do calor, do frio, mas também como distinção entre mulheres casadas e solteiras, mais velhas e mais jovens.

Podemos observar que as mulheres escravizadas afro-brasileiras usavam os Torços com o objetivo de trazer equilíbrio e não machucar o topo da cabeça, ao carregarem água e madeira, além de usarem a peça para proteger o cabelo durante o preparo das alimentações. As negras de ganho, que eram escravizadas com permissão de comercializar produtos, usavam os Torços como apoio para vender suas mercadorias (peixes, frutas, ervas), exercendo o empreendedorismo em prol do sustento de suas famílias e compras de alforrias. Essas mulheres são precursoras na utilização de Torços e Panos de Cabeça no Brasil. As Baianas de Acarajé²⁴ ainda mantêm o uso do Turbante, alto e imponente, como componente da sua

²³ Sacerdotisa no Candomblé; mãe-de-santo, na língua Iorubá.

²⁴ Este bem cultural de natureza imaterial, inscrito no Livro dos Saberes em 2005, é uma prática tradicional de produção e venda, em tabuleiro, das chamadas comidas de baiana, feitas com azeite de dendê e ligadas ao culto dos orixás, amplamente disseminadas na cidade de Salvador, Bahia. Dentre as comidas de baiana destaca-se o acarajé, bolinho de feijão fradinho preparado de maneira artesanal, na qual o feijão é moído em um pilão de pedra (pedra de acarajé), temperado e posteriormente frito no azeite de dendê fervente. Sua receita tem origens no Golfo do Benim, na África Ocidental, tendo sido trazida para o Brasil com a vinda de escravos dessa região. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/58>>.

indumentária. As vestimentas usadas pelas Baianas de Acarajé também são usadas em cultos do Candomblé, religião de matriz africana.

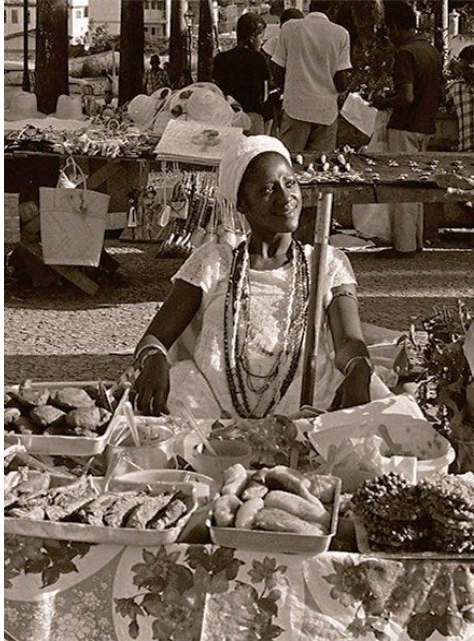


Foto13: Baiana do Acarajé²⁵



Foto 14: Mãe Menininha do Gantois²⁶

Graças à diversidade de amarrações, o Turbante foi se transformando e se resignificando até chegar no formato e no uso que conhecemos atualmente. A facilidade de encontrar vídeos e tutoriais que explicam como fazer diferentes amarrações aumentou sua utilização e popularizou seu uso socialmente. Segundo a pesquisadora Griebel:

Amarrar um pedaço de pano em torno da cabeça não é específico para qualquer grupo cultural. Homens e mulheres têm usado e continuam a usar algum tipo de cobertura de cabeça de tecido em muitas sociedades. O que parece ser culturalmente específico, no entanto, é a maneira como o tecido é usado. (GRIEBEL, Helen Bradley, 1995)

Sendo assim, acreditamos que esse conceito é o que melhor define a importância do Turbante para mulheres negras, apesar de vários povos terem usado o Turbante, neste trabalho entende-se que o sentido dado à sua utilização é o que forma a simbologia sobre o tecido. Para Griebel, é importante destacar que “deve ser tomado da diferença significativa entre o estilo

²⁵ Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/58>>. Acesso em 20 de fev. 2017.

²⁶ Maria Escolástica da Conceição Nazaré - Menininha do Gantois - (Salvador, 10 de fevereiro de 1894 - Bahia, 13 de agosto de 1986). Iyalorixá do Candomblé da Bahia Brasil Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3e_Menininha_do_Gantois#/media/File:Mae_menininha1974.jpg>. Acesso em 20 de fev. 2017.

de revestimentos de cabeça de pano, como usado por mulheres brancas e o *headwrap* como estilo por mulheres negras” (1995). Ela explica as diferentes e importantes características de utilização do *headwrap*:

Para embrulhar sua cabeça, uma mulher européia ou americana branca simplesmente dobra um pedaço quadrado de tecido em uma forma triangular e cobre seu cabelo amarrando o tecido sob o queixo. Os termos "lenço" geralmente denotam este tipo de cobertura da cabeça. Cachecóis não são particularmente populares itens de moda para mulheres americanas brancas hoje, mas quando eles são usados, eles são consistentemente dispostos da maneira descrita acima.

Em contraste, uma mulher de ascendência africana dobra o tecido em uma forma retilínea em vez de em um triângulo. A diferença mais significativa entre o estilo euro-americano e o estilo afrocêntrico de pentear o pano é que, ao invés de amarrar o nó sob o queixo, a mulher afro-americana normalmente amarra os nós em algum lugar na cabeça. Nos lados, muitas vezes dobrando as extremidades para o envoltório.

Podemos observar as “diferenças de amarrações e sentidos entre mulheres brancas e mulheres negras usando o Turbante”, explica Griebel. Segundo o site *turbante-se*²⁷ da Turbanteira como gosta de ser chamada, Thais Muniz, “o Turbante é usado como um elo de ligação estética que tem feito parte no cotidiano de diversas pessoas que se reencontram ou se identificam com a ancestralidade afro-brasileira, bem como o empoderamento feminino, especialmente da mulher negra”.



Foto 15 Escrava Doméstica. Brasil
Foto: João Goston, 1870²⁸

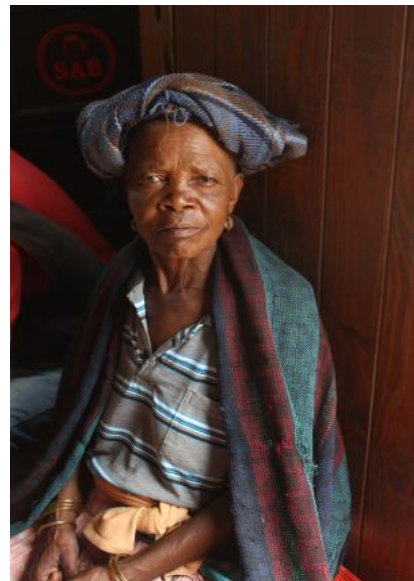


Foto16 Mulher Bulungula Casada
Foto: Rosyane Silwa África do Sul, 2017

²⁷ Disponível em: < <http://turbante-se.tumblr.com/sobre>>. Acesso em 02 abr. 2017

²⁸ Disponível em: < <http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/lei-dos-sexagenarios>>. Acesso em 17 de fev. 2017.

A partir da análise do contexto afro-americano feita pela historiadora Helen Griebel (2004) percebemos que além da semelhança com o processo de escravização no Brasil, o significado do Turbante também passou por transformações muito parecidas em relação ao seu uso por essas mulheres negras. Conforme a autora explica:

Durante o período de escravidão, os brancos promulgaram códigos que obrigavam legalmente as mulheres negras a cobrir suas cabeças com invólucros de pano, mas esses códigos não explicam outras três funções para o *headwrap* elaborado pelos próprios afro-americanos. Um objetivo era puramente prático: o pano cobria os cabelos quando faltava tempo para prepará-los à vista do público, o material absorvia a transpiração e mantinha os cabelos livres de sujeira durante as tarefas agrícolas, e o envoltório oferecia alguma proteção contra piolhos. Duas funções adicionais - moda e símbolo - muitas vezes se sobrepunham. Dentro das comunidades africanas, o *headwrap* indicou o sexo, o estado civil, e a sexualidade do portador.



Foto 17 Harriet Tubman, Liberta, Abolicionista: H. Seymour Squyer, 1848²⁹



Foto 18 Escrava doméstica 1870 Brasil João Goston. Retrato de escrava doméstica. Instituto Moreira Salles³⁰

Em entrevistas realizadas com mulheres negras que foram escravizadas ou que viveram durante essa época, Griebel aponta que estas mulheres ainda mantiveram a mesma

²⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Harriet_Tubman>. Acesso em 17 de fev. 2017.

³⁰ Disponível em: <<http://www.npr.org/2015/09/12/439257489/brazil-enslaved>>. Acesso em 17 de fev. 2017.

forma de uso do Turbante e os mesmos materiais (toalhas, saco de açúcar e lençóis) como hábito, mesmo após findado esse período. Durante a pesquisa de campo, observamos mulheres africanas nas ruas em Cape Town usando vários tipos de amarrações de Turbantes com os mesmos tecidos: toalhas e lençóis.

É importante refletir que as semelhanças manutenção nas amarrações e tecidos de usados nos Turbantes através dos anos indica que esta peça manteve-se como símbolo constituinte da cultura africana, tanto no Brasil como na África.

3. UM OLHAR SOBRE O SIGNIFICADO E A SIMBOLOGIA DO USO DE TURBANTES POR MULHERES NEGRAS. Conexão: Brasil, África do Sul e Moçambique

Ao usar o Turbante, a cabeça passa a ser o ponto de conexão principal entre essas mulheres negras. Segundo Lody:

A cabeça [e tudo o que ela representa] une o mundo contemporâneo à ancestralidade, relaciona as pessoas com os mitos criadores, identifica e distingue povos e sociedades. E entendendo essa conexão com o Ori, acredita-se que ela seja ancestral e que permita negras de diferentes países, se olhem e se sintam representadas e conectadas entre si. (2004, p.98)

Segundo Adebukola Ogunmokun (chef de Gastronomia, Nigeriana, residente em Londres): *‘Nós somos irmãs, vou te olhar e te reconhecer em qualquer lugar do mundo, pois essa conexão ancestral nunca termina’* (2017, depoimento verbal obtido no Aeroporto Ethiopian). Quando falamos em cabeça, podemos visualizar também a Coroa, que é um dos símbolos do Turbante. Um dos objetivos dessa pesquisa foi encontrar conexões entre países diferentes na geografia, na distância, mas intensamente conectado por lembranças ancestrais e antepassadas. Essas são características centrais da diáspora africana, neste caso, processo fortemente marcado pela separação ocasionada pelo processo de escravização no Brasil.

Interessa saber que a reflexão sobre a importância e papel do Turbante na vida de mulheres negras, bem como seu uso para o empoderamento destas mulheres, que ora se refletem neste trabalho, começa em 2016, quando a autora deste trabalho e produtora Marias

Mahin Produções³¹ realizou com parcerias, o projeto *Itaquera Futuro*, em Itaquera, Zona Leste de São Paulo. O projeto, com foco no empoderamento da mulher negra, fortalecimento de sua autoestima e afro-empendedorismo no mercado de trabalho foi concluído com resultados positivos e, conforme depoimentos de algumas participantes, transformou a vida de muitas mulheres. O mote principal do projeto foi o Turbante: a partir dele eram contadas histórias de mulheres afro-brasileiras, afro-estadunidenses e africanas que se destacam e são referências na história como: Carolina Maria de Jesus (escritora), Angela Davis (ativista e militante negra), Rainha Nzinga (guerreira e estrategista), Mãe Stella de Oxossi (Ialorixá), entre tantas outras.

Como traduzido na importância destas figuras femininas e na grandeza temporal e simbólicas que carregam, o Turbante não pode ser entendido apenas como moda, sazonal, uma vez que ele tem se mostrado como uma forma de conexão entre mulheres negras, em diferentes países e vai para além da identidade estética. Propõe-se através deste artigo que ele seja uma porta para conhecer outros países africanos, de forma intensa e importante para a diversidade cultural.

Assim, para refletir sobre esta dimensão do Turbante, este artigo apresenta entrevistas com mulheres negras carregadas de cultura, lembranças e ensinamentos, que causaram emoção e conexão entre a entrevistadora³² e as entrevistadas nos três países. Para tentar entender melhor essas conexões, parte da pesquisa foi realizada em uma viagem por dois meses no continente africano, durante a qual pode-se conhecer a África do Sul e Moçambique.

Analisamos algumas perspectivas sobre o uso de Turbantes nas seguintes cidades de Cape Town (Cidade do Cabo), capital Legislativa da África do Sul, Port Elisabeth, no Vilarejo Xhosa Bulungula e em Maputo capital de Moçambique. No Brasil investigamos seu uso na capital São Paulo e Franca (SP) e em Salvador (BA).

Em Bulungula, a maioria das mulheres e homens do Vilarejo não falavam inglês,

³¹ O Marias Mahin, surge com o objetivo de levar cultura negra por meio da moda, para pessoas que desconhecem esse universo étnico afro brasileiro que tem grandes contribuições em nossa cultura. O Marias Mahin leva a poesia do turbantar. As Mahin acreditam na prática do Turbante para além da estética, como enfrentamento do padrão de belo europeu estabelecido, focado na valorização da beleza plural brasileira, respeitando a diversidade. O uso do Turbante como reconhecimento da contribuição cultural africana para o ocidente. Resgate da ancestralidade e conhecimento da negritude.

³² Rosyane Silwa, francana, mora em São Paulo há quase 5 anos, formada em jornalismo pela Unifran, cursou pós graduação em Gestão de projetos culturais e eventos no Celacc-ECA, USP. Trabalha como produtora cultural. Já produziu eventos e festivais como a Feira Preta, Afreaka; participou do Festival de artes da Serrinha; produz o Alpiste de gente. Criou o crowdfund #mariavaiprafrica para conseguir viajar até o continente africano, se conectar com sua ancestralidade e realizar sua pesquisa Iqhiya Turbantes.

falavam Xhosa, foi necessário o auxílio de uma intérprete/tradutora. Em alguns momentos, durante as entrevistas foi estabelecida uma conexão mais profunda; através de gestos e sensações. Embora as diferentes culturas, sociedades e diferenças comportamentais tenham sido notadas, mesmo em continentes diferentes, para além dos Turbantes, a ancestralidade esteve presente e norteou as entrevistas. Percebemos que independente do país de origem, o fator da negritude foi imprescindível, provando que negras e negros podem se reconhecer e se conectar.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em forma de bate-papo, com um roteiro de perguntas semi-estruturadas para direcionar as entrevistas, que em algumas ocasiões aconteceram de forma totalmente livre. Algumas aconteceram no quintal das entrevistadas, outras no balcão em um *hostel*, em seus locais de trabalho, no ônibus durante viagens diversas, nas ruas, por e-mail e facebook. As perguntas semi-estruturadas tinham por objetivo auxiliar na análise comparativa dos relatos concedidos pelas entrevistadas. Usaremos a oralidade para a construção da pesquisa, que se dá pela transmissão do conhecimento adquirido através de contações de histórias, ensinamentos, músicas, baseadas nas experiências vividas por uma pessoa. Foram realizadas cerca de 15 entrevistas, das quais usaremos entrevistas de 3 mulheres negras africanas e 4 de mulheres negras brasileiras. As entrevistadas foram fotografadas, para posterior registro e identificação. As análises serão separadas em 3 aspectos observados durante as pesquisas; o uso do Turbante como: 1) Tradição, 2) Identidades e seu uso na 3) Contemporaneidade. No decorrer do artigo, colocaremos trechos das transcrições que identificamos como reflexões que orientaram as análises.

4. O TURBANTE COMO TRADIÇÃO

A tradição transmite a ligação de símbolos, uma série de valores, costumes, crenças de uma comunidade herdados de geração em geração. As tradições são mantidas com o passar do tempo, embora sofram modificações decorrentes das transformações sociais. A cultura de um povo é formada pelas tradições construídas naquele local; as lendas, histórias, músicas, crenças. Ela foi analisada como uma importante ferramenta de reconexão, pois algumas entrevistadas vivem na Diáspora Negra, mas ainda utilizam de valores e símbolos tradicionais

de uma cultura. Esse é o caso das entrevistadas Akona, nascida e criada em uma tradicional tribo Xhosa, Masabatha, nascida na periferia de Cape Town Khayelitsha na África do Sul, e Surama Caggiano, nascida em São Paulo no Brasil.

4.1 Akona, Tribo Bulungula, Região de Mthatha, África do Sul

Quando Akona nos levou para visitar sua casa, apresentou as atividades diárias das mulheres da tribo, o que inclui: se pintar para proteção do sol, cuidar das hortas e dos animais, cozinhar, pegar lenha, cuidar dos filhos e fazer pães. No caso da família de Akona, elas também produzem a *Xhosa Beer*, bebida fermentada utilizada principalmente em rituais religiosos. Segundo sua crença, com a bebida eles podem se conectar aos ancestrais.

As mulheres da tribo usam Turbantes, a maioria vista durante os dois dias de pesquisa. Ao tratar das diferenças e razões para o uso de Turbantes, Akona explica que “As pessoas usam quando são casadas... Mas as pessoas que são casadas gostam de usar dessa forma, você entende? Quando eu vou para a cidade, eu gosto de colocar isso na minha cabeça. Eu uso... quando eu vou para a cidade... desse jeito (sic)”. Akona faz um modelo de Turbante muito comum e utilizado no Brasil, que é o modelo que parece uma flor, conforme ilustrado abaixo nas fotos de três mulheres negras de diferentes lugares usando o mesmo modelo de Turbante:



Foto 19 Atendente. Foto: Rosyane Silwa. Cape Town, África do Sul. 2017

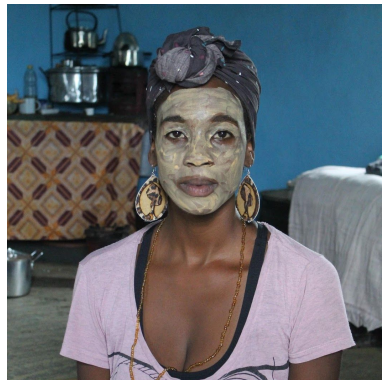


Foto 20 Rosyane Silwa. Entrevistadora. Foto: Olivier. Tribo Bulungula, África do Sul 2017

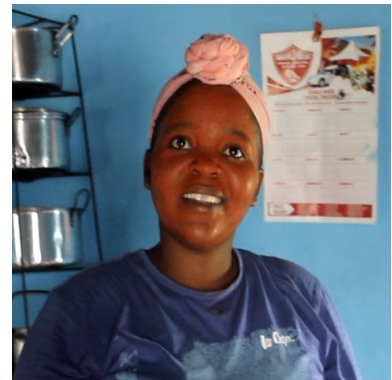


Foto 21 Akona, guia turística. Foto: Rosyane Silwa. Tribo Bulungula. África do Sul. 2017

Ela explica que quando a mulher é casada usa o Turbante preto e começa a usar saia e

blusa de mangas longas. Foi perguntado por que algumas mulheres estavam com Turbantes coloridos. Ela respondeu que se a mulher está casada há muito tempo, ela pode usar a cor que quiser, mas antes de um longo período (decidido por alguém da tribo, possivelmente o chefe ou o *Headman* - subchefe), deve usar apenas preto. Podemos analisar uma sociedade patriarcal e machista, onde as mulheres precisam cobrir seus corpos em respeito aos seus casamentos, ao seu marido. Akona, é mãe solteira e namora um homem que mora em outra Vila, ela diz que foi difícil mas seus pais ajudam na criação de seu filho e o fato do namorado morar longe a deixa livre, pois não se vê mandada por um homem. A juventude vem transformando vários aspectos das tradições.

4.2 Masabatha, Khayelitsha, Cape Town, África do Sul

Entre oito mulheres, Masabatha era a única que falava inglês. Elas trabalhavam em uma pequena fábrica de roupas coletiva, dentro de um projeto de incubadora no meio da Township. No dia, costuravam bolsas, encomendadas para um evento na capital. Depois que Masabatha explicou sobre o que era a pesquisa, elas começaram a colocar os Turbantes, a sorrir e a falar entre elas. Todas falavam Xhosa. Masabatha explica porque as mulheres negras usam Turbantes:

Nós, mulheres africanas, bem, não é bom para nós não por o *Scarf* na cabeça. Porque você mostra sua dignidade e respeito pelo seu marido. Você tem que por seu *Scarf* para cobrir sua cabeça, como também a bíblia diz, que a mulher tem que cobrir sua cabeça... Então, isso é a mulher africana! Mesmo solteira ou casada, vão estar com algo em sua cabeça, entende? Para mostrar esse respeito.

Masabatha afirma que a mulher casada precisa usar o Turbante por ser um símbolo de respeito ao marido e perante a sociedade, ou seja pela tradição que ela vivencia. As cores dos Turbantes são as mais variadas possíveis, incluindo estampas. Masabatha também associa o uso do Turbante para a beleza ao afirmar “você pode enxergar como um “toque africano”... a “Princesa africana”... mesmo nossas filhas, solteiras ou casadas, cobrem suas cabeças. Você pode tudo que é belo”.

4.3 Surama Caggiano, São Paulo-Brasil

A entrevista com Surama foi em sua casa na cidade de São Paulo, onde a entrevistadora foi recebida com mini Acarajés, que no Candomblé é a comida de Iansã. Ela usava um tecido, pano da costa, amarrado na altura dos seios e um Turbante baixo. A história dela com o Turbante foi resgatada pela forma como as mulheres de sua família usavam, conta a artista plástica Surama:

Aprendi no dia a dia com minha avó, minhas tias no interior da Bahia, era muito comum a gente usar turbante....Desde menina na Bahia em uma época que o torço era usado pelas mulheres da roça pra se protegerem do sol, assim como também as mulheres usavam como pano de cabeça pra carregar água, mantimentos, roupas pra lavar no rio, enfim... e eu aprendi este uso também na cozinha onde o torço é vestimenta indispensável para proteger a comida, principalmente quando se faz os ebós (comida de santo) há que se proteger o Orí (cabeça) em respeito aos orixás! (depoimento oral, Surama, 2017)

Surama aprendeu fazer Turbantes com sua avó e herdou a tradição desse uso. Ela conta que os modelos que usa atualmente não são os mesmos usados antigamente e tem diferentes tecidos. Também conta que para ela a palavra Turbante é recente, “Conheci a palavra Turbante há uns 4 anos, por aí, antes a gente só chamava de Torço ou Pano de Cabeça”, explica.

5. O TURBANTE COMO IDENTIDADES

Quanto à análise sobre Identidades, buscamos encontrar o reconhecimento de mulheres negras na cultura africana, observando quais as práticas utilizadas em Áfricas e em Brasil. As diferentes mulheres podem ser reconhecidas entre si, bem como quais dessas identidades negras cada uma acumula em suas bagagens. A ancestralidade, a busca de uma conexão, a cultura, a afirmação da negritude são alguns dos motivos que fazem com que Rita Teles, atriz, e Tuanny Miller, arte educadora, usem seus Turbantes.

5.1 Rita Teles, São Paulo, Brasil

Rita é sempre vista usando Turbantes, das mais variadas cores e formatos, e ela tem alguns projetos que envolvem contos africanos. Durante a entrevista ela contou o motivo inicial de usar Turbantes:

Uso turbantes porque me conectei à cultura negra, vi muitas mulheres usarem e me identifiquei. Por conta da militância, o turbante representa também uma luta diária, contra as opressões sofridas pela população negra, pelas mulheres negras. Quando coloco me sinto linda, visto minha Coroa e vou pra luta, pra vencer mais um dia. Me reconheço, reconheço meus pares quando o visto. (depoimento oral, durante entrevista, Teles, 2017)

Para ela o uso do Turbante significa a representatividade enquanto mulher negra, empoderamento e resgate da cultura negra. A análise sobre as Identidades remete ao uso do Turbante sem a herança familiar: a construção se dá por sua identificação negra com sua vivência social, estudos e identificação com outras mulheres negras. Este aspecto mostra que os movimentos realizados com o objetivo de resgate de ancestralidade e cultura africana estão presentes e se multiplicando entre negras e negros brasileiros.

5.2 Tuanny Miller, Franca, São Paulo, Brasil

Tuanny atua no Movimento Negro em sua cidade Franca e busca se reconhecer dentro dele enquanto mulher negra, que luta contra o racismo institucional³³ presente em órgãos públicos e privados no Brasil. Ela conta que começou a usar o Turbante quando decidiu fazer sua transição capilar (processo de parar de usar químicas nos cabelos, como alisamentos,

³³ Racismo institucional: conceito de Racismo Institucional foi definido pelos ativistas integrantes do grupo Panteras Negras, Stokely Carmichael e Charles Hamilton em 1967, para especificar como se manifesta o racismo nas estruturas de organização da sociedade e nas instituições. Para os autores, “trata-se da falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica”. No Brasil, o Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) implementado no Brasil em 2005, definiu o racismo institucional como “o fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial, uma atitude que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações”. (PCRI, 2006, p.22).

progressivas e deixar seus cabelos naturalmente crespos). “Quando iniciei minha transição capilar e meu reconhecimento como Preta, o Turbante foi meu guia, ele tem uma grande importância na minha construção como Mulher Preta”. Ela não teve influência para usá-lo em casa, haja vista que as mulheres de sua família não usavam, explica a arte educadora:

Aprendi sozinha, pois quando comecei a usar no ano de 2010 morava em São Paulo e levava minha prima no balé e lá tinha uma mulher maravilhosa Preta que usava, olhava para ela e chegava em casa e tentava montar os meus com meus lenços e cachecol, pois na época não havia essa explosão de tutorial na internet, sem falar que meu acesso era restrito. Passava horas e horas na frente do espelho, me sentia viva a cada tentativa e quando eu realmente conseguia fazia-se uma festa no meu interior e exterior também porque me sentia uma Deusa. (depoimento em entrevista escrita, Miller, 2017)

Ela não relaciona o Turbante com questões tradicionais, mas o enxerga como cultura das mulheres negras, como conexão com a ancestralidade africana. A cor e modelo são escolhidos diariamente, “Meu turbante acompanha meu humor também, quando estou mais serena procuro os sem estampas, quando estou mais agitada quero o mais estampado que tiver no cabide” conta Tuanny.

6. O TURBANTE COMO CONTEMPORANEIDADE

A contemporaneidade³⁴ foi utilizada por entender que atualmente o uso de Turbantes foi ressignificado e usado como forte símbolo do empoderamento da mulher negra. Conectado com a cultura, ele carrega a estética ancestral, tradicional, mas pode ser inserido em outros contextos, como a militância e a resistência negras, além de manter a conexão com as culturas tradicionais sem ter os mesmos fundamentos. Nesse caso podemos analisar que as

³⁴ A contemporaneidade diz respeito aos tempos recentes, dos últimos vinte anos, e pode-se considerar a marca desta época o fenômeno da globalização ou da mundialização. Definida basicamente como estabelecimento de uma rede de informações à distância e de fluxo contínuo, tendo como suporte a econômica, política e social, segundo uma ordem mundial. As comunicações ultrapassam quaisquer limites ou barreiras nacionais dos estados, estabelecendo conexões apoiadas na alta tecnologia, um fluxo rápido e em moto contínuo de dados – sons, imagens e textos cruzando o planeta, sem controle e sem limites, abertos. Definida como a terceira onda industrial, a informatização, ou revolução eletrônica, que propiciou esse grande salto das comunicações, vencendo as distâncias, acelerando o tempo da história e da veiculação, de notícias e dados, potencializando e mantendo a memória, da otimização de estocagem destes, expandindo possibilidades no futuro, a partir de pressupostos ou probabilidades. O inexorável avanço dos meios de comunicação, estabelece sua presença e ação em todo planeta. De origem em interesses de ordem política e econômica, mas resultou em profundas transformações irreversíveis para a condição humana, quanto ao conteúdo, qualidade e quantidade de imagens a que está submetido o homem contemporâneo, nas cidades e, conseqüente ampliação do imaginário de seus habitantes. As imagens se apresentam em superfície, com pouca profundidade, rapidamente são substituídas por outras, em seqüências rápidas de forma fragmentária e artificial.

entrevistadas o usam sem ser vinculado a casamentos e tradições herdadas, por vezes usam também nas religiões de matriz africanas. Analisamos também que elas usam como estética e empoderamento, trabalham com essa indumentária como profissão. A questão da moda está muito ligada a esses usos, criando uma estética negra contemporânea, ou seja, tornando uma peça tão antiga e carregada de significados como acessório, conectando-se, assim, com seu uso cultural no Brasil e em Moçambique.

6.1 Eliana Nzualo, Maputo - Moçambique

Eliana normalmente é vista em fotografias usando Turbantes em suas redes sociais, é uma marca registrada, compõe sua vestimenta “O turbante é um acessório como um brinco, um colar, para mim e por isso não olho para ele como parte de quem eu sou. Ele compõe uma fracção da minha identidade, pois é a expressão de quem sou como africana, como Moçambicana, mas não me sinto menos isso sem o turbante”, explica a blogueira.

Nzualo aprendeu a fazer Turbantes assistindo vídeos, em eventos e vendo outras mulheres negras usando, ela conta que sempre o viu como um acessório. Mesmo que sua mãe e tias usem o Turbante, Eliana afirma que não conhece o uso como tradição. Embora conte que a opção pelo Turbante não seja reflexo de uma tradição familiar, Eliana carrega a cultura dos turbantes e afirma a importância de seu uso. “É importante usá-lo para desmistificar que existe apenas uma forma de ser africana, para quebrar preconceitos e estereótipos. Uma mulher jovem urbana também pode usar turbante”, o que nos permite perceber a conexão que essa prática adquire na sociedade mesmo resignificada e em constante transformação. “Eu uso turbantes porque faz parte da minha cultura e sinto-me bonita, orgulhosa quando o faço” conclui Eliana.

6.2 Thaís Muniz, Salvador BA- Brasil

A turbanteira Thaís Muniz, trabalha com o fazer Turbante profissionalmente desde

2009 , quando criou o projeto turbante.se, ela ministra *workshops* ensinando a fazer vários modelos de Turbantes. Ela incentiva a autoestima e valorização da beleza com o uso da Coroa e explica:

A minha missão é passá-lo adiante, é exatamente associando-o a questões negras, que enaltecem e também refletem o racismo. O ponto de partida é fazer com que essas mulheres entendam que o turbante é a coroa das rainhas africanas e afrodescendentes. É um elemento de reconexão para muitas mulheres que, por exemplo, estão se desligando de cabelos quimicamente tratados pelo racismo e pela não aceitação.

Para a turbanteira Muniz, essa reconexão com a ancestralidade nos aproxima das origens africanas. Ela dirige uma série de documentário *A história dos Turbantes no Mundo*, em processo de gravação, onde filma depoimentos e histórias de mulheres negras, que transmitem a cultura dos Turbantes por gerações, como Negra Jhô uma das principais referências negras no segmento de estética capilar e Turbantes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema central da pesquisa, o Turbante, foi um meio importante na busca por entender as conexões de mulheres negras na diáspora, ou seja, negras fora do continente africano pós-colonizações. Podemos nos atentar que as atribuições dadas a essa indumentária transitam entre: tradição, cultura, estética, beleza, auto-estima, resgate ancestral e identidades. As comparações analisadas foram baseadas nos depoimentos, essencialmente concluídas após a realização de todas as entrevistas.

Podemos analisar que o estudo e o conhecimento sobre a cultura africana e afro-brasileira fez com que as mulheres brasileiras da contemporaneidade, se aproximassem de seus antepassados, onde puderam se conectar com uma parte ancestral da África que foi desconectada durante o período da escravidão.

Para as mulheres moçambicanas, o resgate da ancestralidade não foi apontado como incentivador ao uso do Turbante. Na análise das entrevistas, constatou-se que as mesmas não precisam de motivadores para se identificarem enquanto negras. Para essas mulheres, o Turbante faz parte do uso habitual, é um elemento tradicionalmente africano, usado nas ruas,

em casamentos, identificando hierarquias entre diferentes tribos e famílias. Enquanto para mulheres negras brasileiras, o uso do Turbante tem se provado como uma importante forma de resgate, empoderamento, resistência, fortalecimento e reconexão de suas ancestralidades africanas.

Apoiado pela pesquisa de Helen Griebel, a verdadeira simbologia do uso do Turbante é atribuída através do sentido que cada cultura se utiliza nesse uso. Entendemos então, que para a cultura negra o Turbante é uma peça socialmente ligada a tradições e estrutura social. Ele se faz presente e necessário, de diversas formas, na cultura negra, tanto africana quanto brasileira.

Diante de debates sobre seu uso estético, podemos afirmar uma necessidade de uso comum entre as mulheres negras, que vai além da estética e se torna orgânico e entranhado nessas culturas. O que mostra que para as mulheres negras brasileiras e africanas o uso do Turbante é um dos requisitos de beleza, que eleva a autoestima, o reconhecimento e a elegância. As entrevistadas de ambos os países afirmaram que se sentem melhor quando estão usando Turbantes, se sentindo rainhas e prontas para os enfrentamentos diários (do racismo, do sexismo e do machismo). É como se ao vestirem o Turbante, elas também se vestissem com uma proteção, tanto de suas cabeças quanto de suas energias, sentindo-se alimentadas pelas suas ancestralidades. Podemos provar o valor imaterial dessa indumentária na cultura negra, independente do país pesquisado.

Analisamos que a prática do fazer Turbante, tanto para as brasileiras quanto as africanas, pode ser transmitido tradicionalmente entre famílias, mas pode ser aprendida por meios externos. Apesar das distâncias e diferenças culturais entre o Brasil e o continente Africano, as técnicas de amarração dos Turbantes são semelhantes, ou seja, vários modelos de Turbantes são iguais, tendo diversos significados. O que mostra como essa transmissão de ancestralidade foi absorvida, mesmo que inconscientemente. Muitas dessas mulheres fizeram modelos semelhantes sem se conhecerem e vivendo em países diferentes. Entendemos que a internet e os meios de comunicação também foram responsáveis por essa troca de conhecimentos, visto que os vídeos, tutoriais, fotos e cursos podem proporcionar novos conhecimentos e permite fácil acesso a novos modelos de amarrações.

No Brasil, o Turbante tem sido marginalizado e normalmente vinculado às religiões de matrizes africanas. A partir desta pesquisa, reafirmamos que o uso do Turbante exerce funções religiosas, sendo incorporado pelas mesmas por fazer parte da cultura ancestral

africana, ou seja, na sociedade africana o Turbante era e é culturalmente utilizado. O que nos faz compreender que a marginalização dessa indumentária no Brasil foi construída a partir do mito da democracia racial, do racismo, da segregação e da intolerância contra a população negra.

O Turbante sendo símbolo da mulher africana foi articulado aos modos de vida dos afrodescendentes, tanto nos afazeres domésticos e festas, como nas religiões. Entendemos que o uso do Turbante não foi criado exatamente para o uso nas religiões de matrizes africanas, haja vista ele ser um hábito culturalmente africano, ancestral. O uso do Turbante nas religiões africanas, só existe porque as negras e negros oriundos do continente africano o trouxeram e o mantiveram como uma de suas práticas e lembranças culturais. Com isso, a cultura negra foi incorporada, mantendo e ressignificando componentes advindos de suas culturas e associando-os a outras existentes no Brasil.

É importante pontuar que outros povos mantêm a prática de usar Turbantes, cada qual com variadas motivações, que também percorrem entre religiões, hierarquias, histórias e cultura. Durante a pesquisa, encontramos dados que nos permitiram entender que a criação do Turbante provém do continente africano com seu parente, o Nemes, que nos possibilita aproximar ainda mais a questão ancestral do uso do Turbante.

A partir dessa reflexão, pensamos sobre a questão da apropriação cultural: se uma pessoa não tem nenhuma conexão ancestral, religiosa ou herança cultural para usar Turbantes, qual seria o propósito desse uso? Pensamos, então, como a apropriação cultural foge dessas possibilidades de uso e transforma o Turbante apenas em objeto estético, com poder de venda e sem contextualização de seus verdadeiros símbolos e significados. O mercado não reconhece o valor dessa conexão, pois ao se apropriar da peça, o Turbante deixa de ser acessível à maior parte da população, que no caso é a população afrodescendente, fortalecendo assim, o apagamento histórico, embranquecimento e a alienação cultural.

Verificamos, também, que é permissível deslegitimar e se apropriar da estética de uma cultura oprimida para manter privilégios sociais do opressor, indevidamente construídos. Neste cenário, interessa saber: como o uso de um “singelo” tecido pode causar fúria e intolerância diante de armas tão destruidoras e segregacionistas como fora a escravização? O Turbante poderia ser, então, estratégia de resistência à essa apropriação? Se sim, por que não respeitá-lo? Quando se é empático as causas étnico raciais, a reflexão que decorre ao uso do Turbante seria: usando-o, empodera-se e resgata-se a identidade de um povo ou alimenta-se

meramente o mercado de consumo da moda? Assim, o trabalho discute o uso do Turbante como mobilizador dessas questões que se sobrepõe ao uso dessa indumentária, além de buscar entender suas conexões, símbolos e simbologias com o continente africano.

Pelas conexões e vontade de pertencer aos seus lugares de origem, mulheres negras brasileiras têm tido um árduo confronto perante a sociedade racista e eurocêntrica, que tenta manter seus privilégios e domínios econômico-sociais. Acreditamos que existam caminhos possíveis para transformações, embora lentos e arduos e que devem, invariavelmente, passar pelo exercício da alteridade e do respeito.

Por fim, o esforço empenhado na construção deste trabalho reflete a busca constante por reflexões produzidas pela própria população negra sobre sua condição e seu lugar, e pretende-se, desta forma, contribuir não apenas com a pesquisa acadêmica através da análise de pautas pouco exploradas, mas também com a reescrita de nossas histórias de forma localizada, por nós mesmos. Se não entramos pela porta, pulamos a janela. Pensamos sempre e seguimos criando estratégias para mantermos nossas conexões ancestrais fortalecidas e nos aproximar uns dos outros sempre, ainda que nem sempre fisicamente da terra mãe, do Continente Africano.

Enkosi! (Obrigada em Xhosa)

8. REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAVIS, Angela, 1944 - **Mulheres, raça e classe/ Angela Davis**; tradução Heci Regina Candiani, São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, Luis Augusto. ANPOCS, 1983.

GRIEBEL, Helen Bradley. **The African American Woman's Headwrap: Unwinding the Symbols**. Disponível em: <<http://char.txa.cornell.edu/griebel.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos feministas**. n. 2, v..3. 1995.

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais** – Uma análise das condições de vida da população brasileira 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em: 20 de fev. 2017.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

PINTO, Regina P. A educação do negro: uma revisão da bibliografia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 62, p.3-34, ago. 1987.

SALLUM JUNIOR, Brasília; et al (Orgs). **Identidades**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MARANGONI, G. O destino dos negros após a abolição. **Desafios do desenvolvimento**, ano 8, n. 70. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MATTOS, I. G. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. **Revista Pontos de Interrogação**, Universidade estadual da Bahia. v. 5, n. 2, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo. Ed. Ática, 1988.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Maria edições, 2007.

OLIVEIRA, T. O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural? **Carta Capital**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>>. Acesso em 20 de fev. 2017.

Referências eletrônicas

<https://www.zippedandprinted.com/post/77116008347/why-headwraps>

<http://www.landofpyramids.org/crown-of-egypt.htm>

<http://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-em-25-de-janeiro-de-1835-179-anos-acontecia-revoluta-dos-males/#gs.2thI3MI>

<http://www.infoescola.com/religiao/sikhismo/>

<http://www.islamreligion.com/pt/articles/4644/o-que-e-sikhismo-parte-2-de-2/>

<http://www.brasilsulinformatica.com.br/trabalhos/provashtml/copa2010/Xhosa.html>

<https://lorenamorais.wordpress.com/category/tutorial-turbante/>

<https://thewrap.life/>. Acesso em: 01 fev. 2017.

<http://pancocojams.blogspot.com.br/2015/01/african-american-wearing-head-scarves.html>>.

Acesso em: 2 março 2017

<https://balaqueen.com/2016/03/20/headwrap-history-in-the-americas/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

http://www.huffpostbrasil.com/entry/how-to-headwrap-ways-to-tie_n_7705824>.

<http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo7/contemp/index.html>

[http://althistory.wikia.com/wiki/Great_Kingdom_of_Khemet_\(African_Dream\)](http://althistory.wikia.com/wiki/Great_Kingdom_of_Khemet_(African_Dream))

https://www.facebook.com/pg/EgitoKhemet/about/?ref=page_internal

http://www.geledes.org.br/o-destino-dos-negros-apos-abolicao-por-gilberto-maringoni/?gclid=Cj0KEQiAxeTFBRCGmIq_7rGt_r8BEiQANdPqUI6ht84WI12Ss7JUP98lgZy-rbufLQmg0Ju4JpPTH4aAmg18P8HAQ#gs.=XuH7=8>. Acesso em: 25 fev. 2017.

<https://ileaxeoxolufaniwin.wordpress.com/tag/yoruba/>

<https://pt.slideshare.net/colympio/a-geografia-do-egito-na-historia-bblica>

<http://www.oultimoblackpower.com.br/2015/01/murban-tendencia-de-turbantes-masculinos.html>

<http://www.empiretextiles.com/products/Head-Gear/Highest-Class-Headtie/>

9. ANEXOS

Registros fotográficos; *Iqhiya; cabeças conectadas*



Masabatha, Khaneylisha, África do Sul, 2017. Foto: Rosyane Silwa.



Surama Caggiano, São Paulo. Reprodução: internet.



Rita Teles, São Paulo. Foto: Osmar Dias.



Tuany Miller, Franca. Reprodução: internet.



Eliana Nzualo, Maputo. Reprodução: internet.



Thais Muniz, Salvador. Reprodução: internet.



Cape Town, África do Sul. Foto: Rosyane Silwa



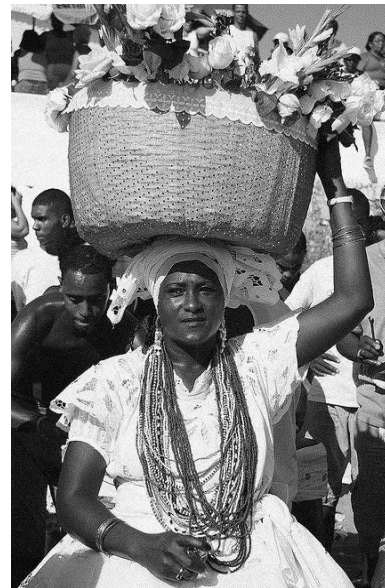
Mulheres africanas. Reprodução: Internet.



Brasil Alberto Henschel (1827-1882)



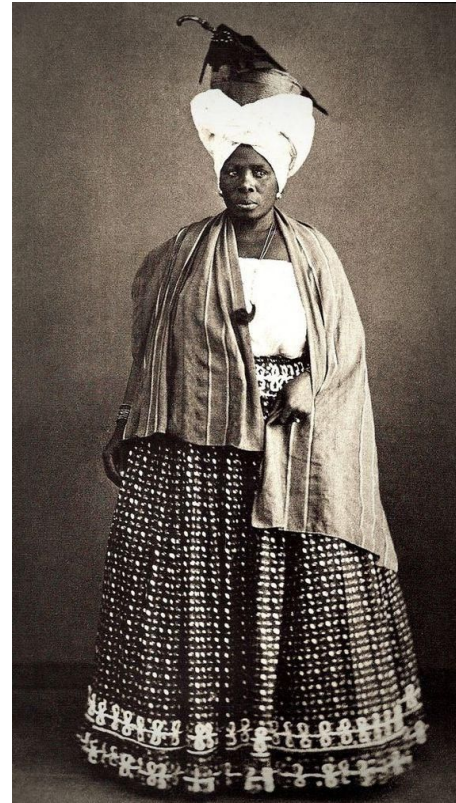
Pernambuco, Brasil, by Alberto Herschel, 1869.



Oferenda. Brasil. Antonio Fonseca



Alberto Henschel - Negras da Bahia



Mulher afro-brasileira. Reprodução: internet.



Khayelitsha, África do Sul. Foto: Rosyane Sllwa. 2017



Mulher Rastafari, Cape Town, África do Sul. Foto: Rosyane Silwa.



Curandeira da tribo, solteira, Bulungula. Foto: Rosyane Silwa



Mulher casada, raspando a cabeça do marido, Bulungula. Foto: Rosyane Silwa



Mulher casada, Bulungula. Foto: Rosyane Silwa



Nemes. <http://plushparazzi-embassy.blogspot.com.br/2011/10/ancient-headdress.html>



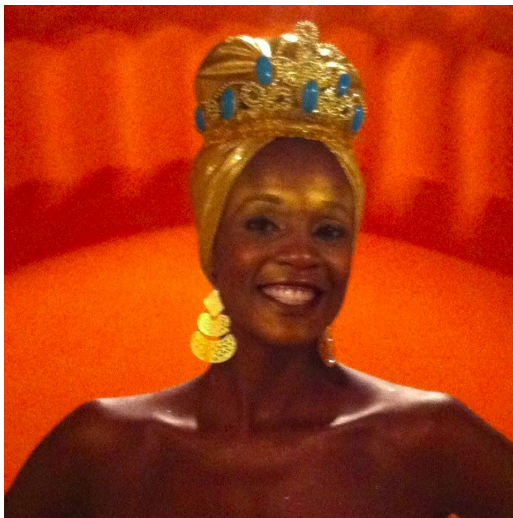
Gélé nigeriano. Reprodução: internet



Head Wrap. Reprodução internet.



Head tie. Reprodução: internet.



Rosyane Silva. Reprodução: internet, 2015.



Rosyane Silva. Foto: Angelo Junior, 2015.